

ESCOLHAS E DECISÕES PROFISSIONAIS: MEMÓRIAS DE PROFESSORAS

CHOIX ET DECISIONS PROFESSIONNELS: MÉMOIRES D'ENSEIGNANTS

Maria Betânia e Silva / UFPE

RESUMO

O foco deste trabalho está nas memórias de mulheres professoras. O objetivo é compreender como se deu a escolha do curso superior, da carreira docente, da especificidade das Artes Visuais e o significado de ensiná-las. O estudo qualitativo centra nas motivações, crenças e atitudes individuais. O diálogo se estabelece com autores do campo da memória, formação docente e do currículo. O estudo mostra que o atravessamento das lembranças pelos sentidos está estreitamente limitado no espaço e no tempo, mas em sua materialização são explicitados pontos significativos de suas trajetórias de formação profissional.

PALVRAS-CHAVE

Formação; Memórias; Mulheres Professoras.

RÉSUMÉ

Ce travail est axé sur la mémoire des enseignantes. L'objectif est de comprendre comment le choix du cours supérieur, la carrière d'enseignant, la spécificité des arts visuels et le sens de leur enseignement. L'étude qualitative porte sur les motivations individuelles, les croyances et les attitudes. Le dialogue est établi avec les auteurs du domaine de la mémoire, de la formation des enseignants et du curriculum. L'étude montre que la traversée des mémoires par les sens est étroitement limitée dans le temps et dans l'espace, mais que sa matérialisation est expliquée par des points significatifs de leurs parcours de formation professionnelle.

MOTS-CLÉS

Formation; Mémoires; Enseignantes.

O que leva alguém a escolher um curso superior? Por que escolher a carreira docente? Ao escolher a carreira docente, o que leva a tomada de decisão ao campo profissional das Artes Visuais? Como acontece a organização e o planejamento para a docência e qual o significado em ensinar Artes Visuais?

Esses questionamentos se unem a muitos outros que fazem parte de uma investigação mais ampla que tem o foco nas memórias de mulheres que se tornaram professoras de Artes Visuais. Em estudos anteriores¹, nos debruçamos em etapas de suas histórias de vida que focaram o olhar, sobretudo, nos encontros com a Arte durante a infância e a adolescência.

Nosso centro de interesse, nesse texto, está na etapa de vida da juventude e vida adulta direcionando a investigação para o campo profissional. Portanto, está organizado em cinco pontos: a escolha do curso superior; da carreira docente; do ensino de Artes Visuais; da organização e planejamento docente; do significado de ensinar. Nossas colaboradoras são quatro professoras que possuem entre 35 e 75 anos de idade. Suas experiências docentes se situam entre 15 e 37 anos de atuação no campo do ensino.

Todas elas vivenciaram sua Educação Básica em instituições privadas e a Educação Superior em instituições públicas federais brasileiras. Todas possuem cursos de Mestrado e Doutorado e duas delas realizaram experiências de pós-doutoramento. Elas serão identificadas pela principal qualidade que se atribuíram durante nossos diálogos.

A pesquisa se une aos estudos qualitativos, sobretudo, porque procura compreender como e porque os fenômenos se desenvolvem e as representações que se fazem dos mesmos. Além disso, são as pesquisas qualitativas que visam entender como se dão as práticas relacionadas aos fenômenos.

SILVA, Maria Betânia e. Escolhas e decisões profissionais: memórias de professoras, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.57-71.

Os estudos qualitativos investigam espaços de práticas diversificadas e múltiplas, introduzindo novos sentidos dos problemas, bem como entendimento de seus significados (POUPART; DESLAURIERS; GROULX; LAPERRIÈRE; MAYER; PIRES, 2008). São neles que se mostram a diversidade dos pontos de vista, além de captar as invisibilidades, censuras ou os silenciamentos nas tessituras de suas narrativas. Desse modo, os questionamentos postos são centrados mais nos processos, nas estratégias e nas representações visando estudar questões difíceis de serem quantificadas como motivações, crenças, sentimentos, atitudes individuais.

Esse estudo dialoga, especialmente, com autores do campo da memória, da formação docente e do currículo.

1. A escolha do curso superior

A escolha do primeiro curso superior nem sempre é uma decisão fácil de ser tomada, particularmente, pela etapa de desenvolvimento humano em que nos encontramos, fim da adolescência. Muitas vezes, ela não é uma escolha pessoal, como foi o caso da professora *Sobrevivência* que narrou sobre a decisão de seu pai para que ela cursasse Direito. No entanto, como seu desejo era outro, ela usou a estratégia dizendo-lhe que estudaria Direito se ele permitisse também Arquitetura. Assim ela expressou, “Sempre gostei de arquitetura. Direito foi concessão para poder estudar arquitetura que só tinha em Recife”. Por ser oriunda de classe social mais abastada, a família proporcionou o suporte para a mudança e manutenção em outra cidade onde cursou Direito em instituição superior privada e Arquitetura em instituição superior pública. As outras professoras não precisaram se deslocar para outras cidades para realizar o curso superior.

Habilidade Interpessoal explicitou sua escolha pela formação superior em Educação Artística² e ao revisitar suas memórias lembra que

SILVA, Maria Betânia e. Escolhas e decisões profissionais: memórias de professoras, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.57-71.

antes da criação do curso de Educação Artística, a UFPB oferecia cursos de Extensão Universitária para a comunidade pessoense, de várias modalidades artísticas. Estes cursos em formato de oficinas eram ministrados por artistas locais. Frequentei cursos de história da arte, de desenho e de cerâmica (Depoimento da Professora Habilidade Interpessoal, maio de 2017).

Estas experiências anteriores foram determinantes para a tomada de decisão na escolha do curso superior e a continuação no mesmo campo de formação.

Vivências extraescolares, participação em atividades culturais e frequência na apreciação de espetáculos de dança, teatro e circo, foram influenciadores determinantes para que a professora *Feliz* definisse sua escolha pelo curso superior de Teatro. “Sempre gostei de Arte, mesmo sem saber o que era”, afirma a docente.

A quarta professora de nosso estudo, *Pró-ativa*, ressalta um comentário emitido em suas redes de relação que também contribuiu para sua decisão. Assim, ela afirma: “sempre diziam que nunca ficaria desempregada”. E continuou

Escolhi Pedagogia porque queria ser professora. Também queria fazer Artes Plásticas, mas tinha certeza que não passaria na prova específica de desenho. A professora do Ensino Médio dizia que para passar eu precisaria fazer um curso preparatório. Claro que não tinha a menor possibilidade de cursar tal preparação. Hoje percebo que a professora não acreditava em mim e nem tinha qualquer pretensão de ajudar, mas, no final, acho que eu precisava mesmo ir para a pedagogia. Afinal, foi neste curso que recebi minhas primeiras oportunidades profissionais e sempre tive a possibilidade de andar lado a lado com artes (Depoimento da Professora Pró-ativa, maio de 2017).

As quatro professoras apresentaram trajetórias distintas de acesso aos bens culturais e experiências com arte. É possível perceber que suas escolhas, possivelmente, estabelecem alguma relação com a primeira célula social, a família. Por exemplo, o pai de *Sobrevivência* era empresário da construção civil e a escolha dela, de formação superior, foi a Arquitetura. A mãe de *Habilidade Interpessoal* não trabalhava fora de casa, mas era admiradora da Arte, costumava cantar muito e

estudou pintura em ateliês. Sua decisão foi cursar Educação Artística. A mãe de *Feliz* era professora universitária e sua escolha de curso superior foi a formação para a docência em Educação Artística. Na família de *Pró-ativa* aconteciam continuamente rodas de produção de trabalhos manuais como corte, costura, tricô, bordados e as ações do ensinar passavam de mãe para filha. Seu desejo era cursar Artes Plásticas, mas seguiu a formação em Pedagogia.

Destacamos pelo menos três pontos importantes, neste tópico apresentado, com relação à escolha da formação superior. O primeiro ponto é a identificação das marcas no caminho trazida por Pineau (2015) ao afirmar que as histórias de vida tentam identifica-las para decodificar as direções que elas podem esboçar. O segundo deles é a influência de elementos estimuladores advindos da família apresentada por Bueno (2005) dizendo que existem membros familiares que são pontos chave de estímulo e incentivo para seguir determinado campo de atuação. O terceiro ponto é a relação com o saber docente temporal definido por Tardif (2000, 2005). Este provém da história de vida, da história escolar e dos anos de prática na profissão e, também, é decisivo na aquisição da competência, organização e estruturação da prática profissional.

Então, a partir da escolha pelo curso superior por que estas professoras decidiram pela carreira profissional docente?

2. Da carreira docente

A escolha de uma carreira profissional pode trazer consigo uma série de influências adquiridas no decorrer da vida de cada pessoa. Com o passar do tempo e a leitura do passado que cada um faz de sua própria história essas experiências podem ser revividas de modos diferentes. Vimos, por exemplo, que a escolha do curso superior das professoras de nosso estudo, possivelmente, teve relação influenciadora por algum membro da família. No entanto, apesar de nem todos seguirem a carreira

profissional de sua formação escolar superior, os exemplos aqui trazidos apontam aspectos importantes para esta definição.

A formação envolve diferentes tempos e não se resume à graduação, mas inclui o “tempo da sua trajetória-vida; de experimentação e vivência no campo da arte e da cultura; da experiência estética; da memória; da infância; da vida vivida”, afirma Bernardes (2015, p.246).

Sobrevivência, apesar de ter realizado dois cursos de bacharelado, disse ter decidido seguir a carreira docente porque “queria repassar conhecimentos. Teriam algum sentido”. *Habilidade Interpessoal*, por sua vez, afirmou que desde o início do curso já encontrou identificação com a docência. *Feliz* construiu sua narrativa dizendo

Acho que desde pequena brincava de escola. Na minha casa tinha um quadro negro, lápis, papel, tinta, pincéis, livros para colorir. Na adolescência, eu levava as colegas para ensiná-las matemática (nunca fui boa, mas melhor que as colegas, então, quando elas estavam penduradas em recuperação, eu chamava para estudarem comigo) (Depoimento da Professora Feliz, abril de 2017).

Pró-ativa, ao ativar suas memórias, conta que “depois de um tempo, percebi que ensinar sempre esteve nas minhas brincadeiras de criança e nos meus sonhos infantis... sentia prazer ao ver alguém aprendendo algo comigo”.

Bosi (2003, p.66) observa que recontar é sempre um ato de criação e que a reconstrução do passado “não é um refúgio, mas uma fonte e um manancial de razões para lutar”.

A fala das professoras acena ainda para a definição de Bergson (2010, p.21) sobre a lembrança dita por ele como “a representação de um objeto ausente. Só apreendemos as coisas sob forma de imagens” e complementa ao enfatizar que não há imagem sem objeto.

SILVA, Maria Betânia e. Escolhas e decisões profissionais: memórias de professoras, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.57-71.

Nesse sentido, em nosso entendimento, também não há lembrança sem imagem. A percepção, necessariamente, está inserida no espaço e no tempo e está impregnada de lembranças. Mas, as percepções se dão através dos sentidos e quanto mais significativas forem elas, mais permanecerão registradas na memória do sujeito. Portanto, podemos afirmar que não é possível pensar sobre a memória sem vincula-la, diretamente, ao tempo e ao espaço e as significações das experiências vivenciadas e percebidas por meio dos sentidos que podem ser ativados pelas lembranças, como assim apresentam as falas de nossas colaboradoras.

Contudo, ao escolherem a carreira docente, o que as levou a tomada de decisão ao campo do ensino em Artes Visuais?

3. Do ensino de Artes Visuais

Em muitos casos a escolha do curso superior difere da carreira profissional seguida. Em nosso foco de investigação, apenas uma das professoras, não possui a formação licenciada. Um de nossos questionamentos, para além de entender o que leva alguém a escolha de um curso superior e o porque da escolha de uma carreira docente, se direciona a busca da compreensão da tomada de decisão sobre a docência em Artes Visuais.

Sobrevivência nos disse que sua decisão se deu “porque sempre amei história da arte”. Em sua infância, entretanto, ela narrou que sua vizinha a estimulava à leitura emprestando-lhe livros. Essa vizinha tinha um filho artista e intelectual. Em sua adolescência, a professora passava suas férias no Rio de Janeiro e ali frequentava os museus com o filho artista daquela vizinha. Ele lhe apresentava obras e artistas “e depois havia o chocolate (para mim) com diretores de museus. Eu ficava escutando eles decidirem quem o museu deveria aceitar”.

Os cursos de extensão frequentados na UFPB conduziram a escolha pelo curso superior de Licenciatura em Educação Artística e, conseqüentemente, a identificação pela docência em Artes Visuais para a professora *Habilidade Interpessoal*.

A professora *Feliz* que cursou a Licenciatura em Teatro explica porque foi lecionar Artes Visuais.

Em 1990, já ensinava no Estado e fui trabalhar no Instituto Capibaribe (IC) e eu dava aulas de teatro na Escola Argentina Castello Branco e depois na Escola Álvaro Lins, mas como a vaga do IC era para Artes Visuais, eu comecei a fazer um planejamento só para os pequenos do IC e os adolescentes/adultos do estado (34 turmas), mudando as metodologias, mas com as mesmas temáticas e conteúdos, comecei a estudar Artes Visuais. Na época já trabalhava com a abordagem triangular e participava dos congressos da FAEB, nos quais aprendi muito (Depoimento da Professora Feliz, abril de 2017).

A memória ativada de *Pró-ativa* traz a reflexão sobre a reprodução de práticas vivenciadas na escola e a percepção da mudança provocada pela formação superior.

Minha relação profissional com o ensino das Artes Visuais começou ao reproduzir nas escolas as aulas que tive enquanto aluna. Percebi que minha formação no campo acadêmico modificava completamente minha atuação em sala de aula. Escolhi ensinar artes porque era a área que despertava muito interesse na Educação Básica e porque muitas pessoas diziam que deveria ser professora de artes. Acreditei nelas! Aos poucos fortaleci a ideia de ser professora de artes visuais com a formação em pedagogia porque não encontrava possibilidade de ensinar artes para crianças fora deste curso. Até poderia existir, mas agarrei as possibilidades e as oportunidades da época (Depoimento da Professora, maio de 2017).

Maurice Halbwachs (1877-1945), sociólogo francês, evidencia que as lembranças são atravessadas, necessariamente, pelos nossos sentidos e por isso está estreitamente limitada no espaço e no tempo. Daí, sua afirmativa de que “nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida” (2003, p.79).

SILVA, Maria Betânia e. Escolhas e decisões profissionais: memórias de professoras, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.57-71.

Os estratos de fala dessas professoras evidenciam que a história vivida e consigo as experiências significativas são elementos principais para a construção das narrativas de suas trajetórias de formação profissional. Ressaltam ainda o que aponta Tardif (2000, 2005) sobre o saber docente que também é social por ser adquirido no contexto de uma formação profissional onde é incorporado, modificado e adaptado em função dos momentos e das fases de uma carreira.

Assim, como acontece a organização e o planejamento para a docência destas professoras?

4. Da organização e planejamento docente

Cordeiro; Melo; Ramos (2013, p.28) ao pensarem sobre a formação para o exercício da docência universitária trazem uma importante reflexão sobre ela evidenciando que ainda é um terreno em processo de “desbravamento”, especialmente porque o domínio de um conhecimento disciplinar foi o critério privilegiado para o ingresso nesta função. No entanto, elas chamam a atenção para a necessidade das ações de atualização que residem na possibilidade de ressignificar o sentido de ensinar através do seu caráter formativo e instrucional, investigativo e interventivo.

Se bem observarmos, o exercício da docência envolve uma complexa e ampla gama de conhecimentos e aprendizagens que vão se desenvolvendo ao longo da carreira profissional. Por exemplo, as relações com grupos de estudantes e de colegas; a administração do tempo; o estudo, a preparação e sistematização de aulas; a condução e mediação de conteúdos; os estímulos para o desenvolvimento do pensamento reflexivo/transformador; a ampliação dos repertórios teóricos/práticos, de visão de mundo artístico, cultural, social, econômico etc.

A obra de Paulo Freire (1996), *Pedagogia da Autonomia*, traz pontos fundamentais para se (re)pensar sobre o ensinar. Nos três capítulos deste trabalho, ele aprofunda

o pensamento de que não há docência sem discência; de que ensinar não é transferir conhecimento e ensinar é uma especificidade humana. Ressaltamos aqui sua expressão:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. (...) ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p.29).

Diante disso, buscamos compreender como as professoras desse estudo organizam o seu planejamento docente através da ativação de suas memórias. Assim, *Sobrevivência* nos respondeu dizendo que “leio, pesquiso, adequo a ementa”. Para *Habilidade Interpessoal* “primeiramente, examino a ementa da disciplina, em seguida levo em consideração a turma (nível, grau e duração da aula). Depois seleciono o conteúdo que considero adequado. O passo seguinte é pensar em como apresentar o conteúdo para os alunos”. A professora *Feliz* elenca cinco passos de sua organização dizendo

1. Seleciono a literatura atual e as clássicas sobre o assunto; 2. Planejo algumas visitas a espaços; 3. Tento conciliar com os/as pesquisadores/as da área; 4. Provoco troca de experiências entre os/as estudantes; 5. Articulo algumas experiências/produções artísticas, cada vez mais. E organizo, intercalando teorias/práticas, pesquisadores e visitas em espaços para que sejam vivenciadas experiências significativas e marcantes na formação docente dos/as estudantes (Depoimento da Professora Feliz, abril de 2017).

Por fim, *Pró-ativa* também apresenta em sua narrativa seu processo de organização e planejamento a partir de três vertentes.

Hoje, seleciono e planejo conforme o mesmo princípio de minha atuação na educação básica, através de três vertentes: interesse dos estudantes, interesse próprio e plano de ensino. Ou seja, (a) busco entender e acolher os interesses dos estudantes, suas curiosidades e possíveis embates em relação às artes visuais; (b) apresento meus interesses pessoais de investigação na tentativa de sensibilizá-los para assuntos que julgo pertinentes e; (c) articulo os conteúdos e

ações conforme o que já está previsto no plano de ensino ou plano de estudos (Depoimento da Professora Pró-ativa, maio de 2017).

Podemos observar que as quatro docentes realizam etapas comuns de seleção de conteúdos e adequação ao plano de ensino. Três delas apontam uma relação direta com esta seleção e os estudantes. Ressaltam a importância de entender o grupo, desenvolver experiências significativas e atentar para seus interesses. Suas ações dialogam com a perspectiva apresentada por Freire (1996) de que não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Isso quer dizer o quão importante no exercício da docência é o reconhecimento contínuo do inacabamento porque a tomada de consciência, desse estado, leva à compreensão de poder ir sempre mais além do condicionamento a que somos submetidos, no tempo e no espaço em que estamos inseridos. Acenam também para a chamada de atenção dada por Cordeiro; Melo; Ramos (2013) no que toca a ressignificação do sentido de ensinar.

Diante destes aspectos destacados, qual o significado para estas professoras em ensinar Artes Visuais?

5. Do significado de ensinar Artes Visuais

No trabalho de Silva (2017) há uma indicação para se pensar que as lembranças significativas envolvem os afetos, sensações, emoções e elas parecem atravessar o tempo da vida. A autora nomeia disparadores e dispositivos que, possivelmente, contribuem para a ativação da memória, apontando exemplos de questionamentos, fotos, escritos, palavras-chave, objetos, lugares etc. que podem colaborar para uma rememoração do passado.

Entender os significados atribuídos pelas professoras para o ensino das Artes Visuais foi também um questionamento levantado a cada uma delas. Elas possuem entre 15 e 37 anos de docência em diferentes instituições, portanto, uma larga experiência docente.

SILVA, Maria Betânia e. Escolhas e decisões profissionais: memórias de professoras, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.57-71.

Percebemos que as teorias tradicionais, críticas e pós-críticas do currículo (SILVA, 2004) se apresentam nas falas dessas mulheres ora na concepção do que vem a ser o ensinar, ora no entendimento do papel do ensino que não se desvincula da aprendizagem para a formação em escala macro, mas também micro do sujeito.

Assim, *Sobrevivência* nos diz que o significado para ela de ensinar é “um sonho realizado. Transmitir um conhecimento que para mim é importante”. *Habilidade Interpessoal* relata “arte é um assunto muito prazeroso e me traz muita satisfação em estudar e falar sobre”. *Feliz* diz

Para mim arte é fundamental na formação humana. E para termos uma sociedade mais crítica, ao mesmo tempo, mais justa e democrática a arte nos possibilita esse olhar para nós e para o outro. Para que a arte se torne parte do cotidiano das pessoas (essa é minha luta) devemos ter um ensino de arte democrático, em todas as salas de aula, professores e professoras com uma formação docente crítica, artística, metafórica e cultural. Para mim ensinar arte tem o significado de ter a Arte como objeto de estudo em todos os níveis educacionais como uma política pública (Depoimento da Professora Feliz, abril de 2017).

A professora *Pró-ativa* constrói seu depoimento afirmando que “ensinar arte está ligado a relacionar novas aprendizagens com as experiências vividas. Trazer discussões de aspectos históricos aos fatos que acontecem na atualidade”. Enfatiza ainda a reflexão e a mudança e continua dizendo que “proporcionar reflexões críticas e mudanças na maneira de olhar e entender as situações. Ensinar arte é ensinar a ver o mundo com inúmeras lentes”.

Esses entendimentos reforçam o dito por Silva (2018) sobre a relação contínua entre o tempo e a memória que nos ajudam a (re)construir trajetórias, percursos, processos de formação. Na medida em que passamos pelo tempo e pelo espaço a maturação humana contribui para (re)visitarmos experiências, compreensões, relações tecidas com o outro e com o mundo e (re)significar as representações que estabelecemos sobre elas.

SILVA, Maria Betânia e. Escolhas e decisões profissionais: memórias de professoras, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.57-71.

Em seus estudos Halbwachs (2003, p.31) registrou que “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”. Mais adiante, ele nos convida a refletir que sempre se explica a sucessão de lembranças pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os ambientes coletivos e isso se dá mesmo quando nos direcionamos as lembranças mais pessoais.

Assim, para o autor, a memória individual não está inteiramente isolada e fechada porque para evocar o próprio passado as pessoas precisam recorrer às lembranças de outras e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Assim, esse estudo mostra que as lembranças são atravessadas, necessariamente, pelos nossos sentidos e por isso estão estreitamente limitadas no espaço e no tempo. Nesse sentido, as professoras ao materializarem suas memórias explicitam suas histórias vividas, consideradas por elas como pontos significativos de suas trajetórias de formação profissionais.

Notas

¹ Ver SILVA, Maria Betânia e. Revisitando memórias: percursos de vida-formação. Anais do 27º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Práticas e confrontações. São Paulo: UNESP, 2018. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2018/> e SILVA, Maria Betânia e. Memórias de professoras das Artes Visuais. Anais do 26º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Práticas e confrontações. Campinas: PUC, 2017. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2017/>

² O curso de Licenciatura em Educação Artística nasceu no Brasil na década de 1970 e permaneceu com esta nomenclatura até a primeira década de 2000 quando foram implementadas novas Diretrizes Nacionais e o curso passou a ser identificado por Artes Visuais – Licenciatura e/ou Bacharelado.

Referências

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BERNARDES, Rosvita Kolb; VELLOSO, Luciana Mendes. *Experiências biográficas: reconhecer-se incompleto*. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Og.). **(Auto)Biografias e documentação narrativa**: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015, p.243-257.

SILVA, Maria Betânia e. Escolhas e decisões profissionais: memórias de professoras, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.57-71.

BOSI, ÉCLEA. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUENO, Kátia Maria Penido. **Os processos sociais de constituição das habilidades**: trama de ações e relações. Tese. (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: UFMG, 2005.

CORDEIRO, Telma de S.C.; MELO, Márcia M.de O.; RAMOS, Kátia M. da C. Desenvolvimento profissional docente na universidade: formação continuada didático-pedagógica como objeto de investigação, reflexão e intervenção. In: RAMOS, Kátia M. da C.; VEIGA, Ilma A. P. **Desenvolvimento profissional docente**: currículo, docência e avaliação na educação superior. Recife: Ed.Universitária da UFPE, 2013, p.21-38.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

PINEAU, Gaston. Histórias de vida e alternância. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **(Auto)Biografias e documentação narrativa**: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015, p.25-40.

POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. **A Pesquisa Qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, Maria Betânia e. Memórias de professoras das Artes Visuais. **Anais do 26º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Práticas e confrontações**. Campinas: PUC, 2017. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/EAV/26encontro_SILVA_Maria_Bet%C3%A2nia_e.pdf

SILVA, Maria Betânia e. Revisitando memórias: percursos de vida-formação. **Anais do 27º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Práticas e confrontações**. São Paulo: UNESP, 2018. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2018/content/PDF/27encontro_SILVA_Maria_Bet%C3%A2nia_e.pdf

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**, 2000, n.13, p.5-24.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVA, Maria Betânia e. Escolhas e decisões profissionais: memórias de professoras, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.57-71.



28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
Origens - Cidade de Goiás - 16 a 20 de setembro de 2019

Maria Betânia e Silva

Doutora em Educação pela UFMG com estágio sanduíche na École Normale Supérieure de Paris. Mestre em Educação pela UFPE. Graduada em Artes Plásticas – Licenciatura pela UFPE. É professora da Graduação e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Desenvolve pesquisas centradas em memórias que envolvem formação, ensino/aprendizagem, práticas pedagógicas. Contato:mbspaggav@gmail.com

SILVA, Maria Betânia e. Escolhas e decisões profissionais: memórias de professoras, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.57-71.